

Raiva Humana: Revisões e Atualizações Acerca do Esquema Profilático Pós-Exposição

Amanda Martinelli Victor¹; Filipe Rocha Xavier; João Vitor Matachn Viana; Júlia Benedeti Paixão; Letícia Viana Ruela; Murilo Afonso Goltara; Luciano Rodrigues Costa; Márcia Dorcelina Trindade Cardoso

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

amandamv8@yahoo.com.br

ORCID AUTORES: 0000-0003-0770-1646; 0000-0002-9715-4182; 0000-0001-7749-8829; 0000-0002-8646-7503; 0000-0003-1571-8114; 0000-0001-5477-6865; 0000-0001-8657-2656; 0000-0001-7258-2933.

Objetivo: O presente artigo, ao amparar-se na considerável incidência com mordeduras e arranhaduras de animais, bem como na dramática letalidade do acometimento, é premente conhecer as atualizações protocolares da profilaxia da raiva humana pós exposição a fim de conduzir intervenções adequadas, portanto, objetiva-se discorrer acerca das atualizações no manejo, conduta e profilaxia da raiva humana. **Fonte de Dados:** MEDLINE, PubMed, SciELO, LILACS, materiais teóricos de Secretárias de Saúde dos Estados e do Ministério da Saúde. Foram selecionados documentos entre o período de 2004 e 2021 cujo os descritores foram: “Profilaxia Pós-Exposição”, “Raiva Humana”, “Manejo e Conduta” e “Atualizações”. **Síntese dos Dados:** A raiva é uma antropozoonose que se manifesta na forma de encefalomielite vira aguda progressiva propagada aos seres humanos mediante a inoculação do vírus rábico por um mamífero infectado. A moléstia é uma expressiva problemática de Saúde Pública em virtude das marcantes repercussões clínicas, da elevada letalidade em torno de 100% e de altos custos subsequentes. O esquema profilático do pós-exposição é composto por um fluxograma de condutas que vão desde a lavagem do local de agressão, até o tratamento completo com soro e vacina. **Conclusões:** Em conformidade com as atualizações protocolares constantes, bem com a escassez do conhecimento perante as condutas adequadas por parte dos profissionais de saúde, é necessário e premente o estudo, o entendimento e a compreensão do esquema vacinal da raiva humana pós exposição e das orientações a fim de instituir o tratamento adequado e um melhor prognóstico.

Palavras-chave: Raiva; profilaxia pós-exposição; vacinação.



INTRODUÇÃO

A raiva é uma antroponose transmitida aos seres humanos por meio da inoculação do vírus rábico (RABV) presente na saliva ou nas secreções de um mamífero infectado, sendo assim, sucedendo principalmente pela mordedura (VELOSO et al., 2011).

Manifestando-se como uma encefalite viral aguda, progressiva, a doença é e continua a ser uma significativa problemática de Saúde Pública em decorrência das dramáticas consequências clínicas, da elevada letalidade de aproximadamente 100% e de custos subsequentes da profilaxia pós-exposição e das assistências médicas (MALANCZYN; SELOW; TONIOLO, 2017).

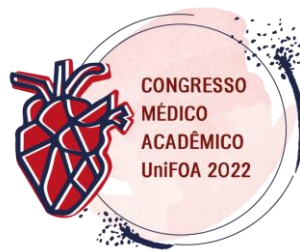
Em relação à epidemiologia, no Brasil, entre 1990 e 2017, foram registrados 594 casos, predominantemente em meios urbanos, atribuídos a variantes antigênicas (AgV) caninas do tipo 2 (BRASIL, 2018).

O esquema profilático de pós-exposição é composto por condutas que vão desde lavagem do local da agressão, com água e sabão, até o tratamento completo com soro e vacina. A dose da vacina independe da idade, sexo ou peso do paciente (FRIAS; NUNES; CARVALHO, 2016).

À vista disso, ao ampara-se na considerável incidência de acidentes com mordeduras e arranhaduras de animais, bem como na dramática letalidade do acometimento, é premente conhecer as atualizações protocolares da profilaxia da raiva humana pós exposição a fim de conduzir intervenções adequadas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, produzida a partir da investigação de artigos e documentos das plataformas: MEDLINE, PubMed, SciELO e LILACS, bem como na utilização de materiais teóricos encontrados no site oficial do Ministério da Saúde e de Secretarias de Saúde dos Estados, compreendidos entre o período de 2004 a 2021, que, dada a letalidade do processo, avaliará a conduta, o manejo e as orientações atualizadas para a profilaxia pós-exposição da raiva humana. Utilizaram-



se os descritores: “Profilaxia Pós-Exposição”, “Raiva Humana”, “Manejo e Conduta” e “Atualizações”, em línguas portuguesa ou inglesa.

Após a inspeção e leitura dos artigos e/ou literatura e/ou documentos, foram designados aqueles que melhor preenchiam os critérios de inclusão propostos e desprezados os que não agregariam validade conforme o intento deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, são disponibilizados dois tipos de vacina: Fuenzalida & Palácios, produzida a partir do encéfalo de camundongos recém-nascidos, e que cursa com maiores reações adversas; e vacinas de cultivo celular. A Organização Mundial da Saúde recomenda o uso de vacinas preparadas em cultivo celular por apresentarem imunogenicidade comprovada, maior segurança e menos efeitos adversos. Todavia, não há restrições quanto a aplicação das vacinas devido a letalidade da doença.

Um estudo realizado pela Universidade Estadual de Maringá buscou avaliar o tratamento profilático do primeiro atendimento antirrábico pós-exposição e concluiu, após análise de dados do Sistema de Informação de Agravos e Notificação, que em 41,56% dos casos a profilaxia foi realizada inadequadamente, fazendo-se necessário uma melhor abordagem na admissão e atenção no preenchimento dos registros de dados.

No Estado do Ceará, no período de 2007 a 2015, foram atendidos 231.694 acidentes causados por animais potencialmente transmissores da raiva, contudo, 222.036 (95,8%) cursaram com inadequações de conduta quando comparada ao tratamento antirrábico preconizado pelo Ministério da Saúde. O estudo constatou ainda ser a efêmera passagem de médicos(as) e equipes de Enfermagem juntamente 10 com ausência de programas educativos o principal motivo para inadequação do tratamento, considerando insegurança na prescrição da profilaxia pós-exposição.

Esses valores se assemelham aos encontrados na cidade de Carolina, nos Estados Unidos da América, em que 98% dos casos foram tratados inadequadamente, fato tal propiciador para o desenvolvimento da doença. Apesar da inadequação do esquema profilático apresentada nos estudos, um fator de alta



relevância e comum entre eles, é a imprecisão dos atuais sistemas de notificação, cursando com grandes números de subnotificações e/ou de fichas de notificação incompletas.

Diante deste cenário, deve-se implementar programas para melhor treinamento e capacitação de profissionais de saúde para que formas de abordagem e conhecimento do cenário local sejam mais bem estabelecidas.

CONCLUSÕES

A raiva humana, apesar de ter apresentado significativa redução nas taxas de mortalidade nos últimos 30 anos, ainda deve ser tratada como um problema de Saúde Pública. Atualmente, o maior obstáculo para eliminação dos casos de raiva humana e efetivação das medidas propostas pelo Programa Nacional de Profilaxia da Raiva Humana advém do despreparo de profissionais de saúde frente ao quadro clínico e aos manejos do tratamento e da profilaxia pós-exposição.

Devido ao caráter compulsório e imediato da notificação da raiva, independe do manejo tomado, outro obstáculo importante é a subnotificação ou o preenchimento incorreto das fichas de notificação por parte da equipe. Esse fato torna difícil realizar uma análise fidedigna do perfil da doença, prejudicando o planejamento das ações em saúde.

Com isso, pode-se concluir que por meio da integração entre profissionais de saúde, serviços de vigilância e programas de educação em saúde, será possível implementar adequadamente as orientações para profilaxia pós-exposição.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Guia de Vigilância em Saúde: Volume Único** [Internet]. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Raiva. **Nota Informativa Nº 26-SEI/2017-CGPNI/DEVIT/SVS/MS**. Brasília, Ed. 1, 2017. Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/agosto/04/Nota-Informativa-N-26_SEI_2017_CGPNI_DEVIT_SVS_MS.pdf. Acesso em 17 ago. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Raiva: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. Saúde de A a Z. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/raiva>. Acesso em: 17 ago. 2021.



MACEDO, Alexandro Carneiro; VIDAL, Selma Vaz. **Novas Indicações para a Profilaxia da Raiva Humana: Como Proceder?** Revista de Medicina de Família e Saúde Mental, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.unifeso.edu.br/revista/index.php/medicinafamiliasaudemental/article/view/1600>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NUNES, Warley Abreu; TAVARES ANSELMO, José Lucas; LIMA DA SILVA, Cláudio Gleidiston. **Raiva Humana por Mordedura de Sagui: Relato de Caso.** In: IV Encontro Universitário da UFC no Cariri-2012. 2012.

OLIVEIRA, Isadora Dias et al. **Perfil Epidemiológico da Raiva no Brasil de 2010 a 2019.** Revista de Patologia do Tocantins, v. 7, n. 4, fev. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/patologia/article/view/11486/18363>. Acesso em: 18. ago. 2021.

PEQUENO, Lídio Riago Alves. **Acidentes por Animais Potencialmente Transmissores de Raiva e Profilaxia Antirrábica em Barra de Santa Rosa-PB.** Monografia (Curso de Graduação em Farmácia) – Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande. Cuité, 2020.

WHO. **Rabies.** World Health Organization, 17 mai. 2021. Newsroom. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/rabies>. Acesso em: 17 ago. 2021.